

Foi nesta investigação sobre a cultura popular que nos aproximamos de uma família muito especial, e que consideramos um daqueles tesouros e

Na Associação, planta-se maracujá, vagem e tomate em escala maior, e, nos quintais, abobrinha, pimentão, jiló, abóbora, brócolis, principalmente. Como vimos nos depoimentos anteriores, os agricultores, especialmente os mais velhos, têm clareza de que muitas técnicas adotadas hoje são prejudiciais ao ambiente, mas, independentemente de suas idéias e sentimentos, a situação está aí, e eles não participaram das decisões que levaram à sua existência.

Por isso, fazem o que podem para “não estragar mais do que já está estragado. Inclusive, quando nós mudamos pra cá, já tinha um córrego sequinho, aquele que você viu lá perto do quintal do Sr. Tenório, na parte de baixo, lembra? Ficou só o buraco onde ele passava.” (JOÃO CALIXTO). Cuidam da reserva de Cerrado, economizam água, não desmatam, têm um cuidado especial com as nascentes, consideram fundamental a devolução dos vasilhames de agrotóxicos depois da tríplice lavagem, além de outras condutas possíveis. “Temos que cuidar daquilo que foi entregue pra nós, porque se não *foi nós que criou, nós não tem* o direito de destruir. Nós devemos respeito à força que criou nós todos, *e os bicho e as planta*”. (JOÃO CALIXTO).

Leonardo Leonel Leite, o extensionista da EMATER que nos levou à Associação, deu assistência aos agricultores até o final de 2005, quando foi transferido para Cascalho Rico/MG. João Calixto lembra de várias técnicas ensinadas por ele, e que, até hoje, muitos praticam em seus quintais. Mas, infelizmente, depois que um outro técnico foi designado para assisti-los, a coisa mudou muito, e pra pior. Segundo ele, o técnico quase não aparece, os cursos nunca mais foram dados lá, e para adotar estas técnicas consideradas mais naturais, eles não tiveram mais orientações.

Algumas técnicas que observamos foram: uso do gergelim perto dos formigueiros para controlar as formigas, além da colocação de grãos de milho perto da horta para que elas carreguem, ao invés de atacar as plantas. Eles falam que, muitas vezes, as formigas são nossas companheiras, pois, muitas vezes, acompanhando sua direção e sua forma de trabalhar, aprendemos o que pode estar errado na propriedade. Por isso, não é bom ir matando de qualquer jeito. Verificamos, também, que no plantio de suas hortas, alguns observam o calendário lunar. É o caso de dona Adalgisa. Os dois filhos, Joãozinho e Zezinho, vão para a roça partilhada e ela cuida do quintal. Atualmente, está produzindo brócolis, abobrinha e cebola.



FIGURA 17: Dona Adalgisa
 Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Pesquisamos no site do *Instituto Biodinâmico de Botucatu*¹ a respeito do calendário lunar. Fomos informados que existe no Instituto uma grande variedade de publicações sobre o tema, especialmente de Maria Thun, uma cientista austríaca que estudou durante 30 anos as influências da lua nos diferentes tipos de culturas. Segundo informações do site, “isto não é crença, é observação, a própria matriz da boa ciência. Portanto, esse bate-boca entre ciência e crença popular não é apropriado em relação ao calendário lunar”.

As mulheres na Associação, quando não trabalham juntamente com os homens nas lavouras, fazem pão, queijo, doces, sucos, biscoitos, chás, sabão, farinha de mandioca, polvilho, açafrão, e, cada dia que lá chegamos, elas têm uma novidade. Criam, pegam idéias com os vizinhos, não ficam paradas. É interessante perceber o carinho com que tratam todo visitante.

Portanto, não há dúvida. Existe um saber, uma ótica de vida, que pode ser traduzida como uma sinergia, envolvendo aquelas pessoas. Apesar de algumas influências – necessárias, talvez – da modernidade, principalmente no aspecto da produção agrícola, sofridas pelos moradores da Associação Nova Esperança, existe no coração daquelas pessoas uma aparente *mística da natureza*, expressão de Leonardo Boff (1996), que nos remete aos povos originários, para quem a terra não é um simples meio de produção, mas um prolongamento da vida e do corpo. O autor cita um emocionante testemunho de um cacique, da costa atlântica do Panamá, Leônidas Valdéz, que sabiamente declara:

a terra é nossa mãe e é também cultura. Nela nascem os elementos de nossa cultura.
 (...) Todos os alimentos que consumimos nas festas tradicionais; os materiais que

¹ www.ibb.org.br. Acesso em 30/11/06

nossos artesãos usam e que utilizamos para construir as casas, todos procedem da montanha. Se perdêssemos estas terras, não haveria nem cultura nem alma. (LEÔNIDAS VALDEZ 1990, apud BOFF, 1996, p. 194).

É isso que nos encanta nos moradores da Associação: eles mostram que têm alma e a colocam em tudo que fazem, falam e sentem. É como se fossem pessoas cujo coração está sempre florido, com lindas flores como as dos ipês. Os ipês são árvores que florescem no Cerrado justamente quando todo o ambiente está seco. Eles mesmos, quando estão repletos de flores, normalmente encontram-se desprovidos de folhas e outros sinais de “vida”. Mas, não há nada mais belo do que contemplar suas flores em contraste com o azul do céu. Assim é o agricultor familiar em nossa região. Desprovidos de muitos elementos que poderíamos considerar essenciais à nossa vivência cotidiana no universo da cultura urbano-tecnológica, possuem uma alegria, uma paz, talvez, que se assemelham às flores do ipê, desafiadoras e contraditórias, que se alegram em fazer as coisas ao contrário. Rubem Alves (2004) completa nossa idéia:

o espaço urbano provoca perversas insensibilidades na alma. O que é milagre para certos olhos é canseira para a vassoura de outros. Melhor o cimento limpo que a copa colorida. Lembro-me de um ipê, lindo, indefeso como todas as árvores, com sua casca cortada a toda volta. Meses depois, estava seco, morto. A dona da casa estava feliz. Sua vassoura diligente e virtuosa teria descanso, finalmente. Não mais seria incomodada pelas fagulhas da divindade. Mas não importa. O ritual de amor no inverno espalhará sementes pela terra e a vida triunfará sobre a morte. O verde arrebeará o asfalto. A despeito de nossa cegueira, os ipês continuam fiéis à sua vocação de beleza, e nos esperarão fiéis. Ainda haverá um tempo em que os homens e a natureza conviverão em harmonia. (ALVES, 2004, p. 21).

É corajoso mergulhar neste mundo, conhecer a fundo estas pessoas, deixar que nos falem de suas vidas, deixar que sua lógica seja compreendida por nossa racionalidade materialista, pois, cada palavra, cada gesto, cada olhar, cada abraço, cada sorriso e cada lágrima compartilhados conosco são um desafio, convidam a repensar profundamente o que somos, o que temos e o que fazemos. Nosso “ser educador”, como que instintivamente, volta seu olhar para as escolas e se vê diante de uma realidade completamente permeada por valores essencialmente diferentes. Aí, não resta dúvida: precisamos de uma nova ordem e buscá-la passa a ser o sentido de nossa atuação nas salas de aula. Sabemos das dificuldades, mas não temos outro caminho: é preciso recriar o cotidiano escolar e, nossa sugestão, é que isto seja feito por meio de uma Educação Ambiental que vislumbre outros conhecimentos a adquirir,

outras interrogações a formular, partindo, não daquilo que os outros souberam, mas daquilo que ignoraram. Afinal, “a dimensão ética da Educação Ambiental deveria ser buscada na história recalcada de nosso relacionamento com o ambiente”. (GRÜN, 1996, p. 56).

4.3.4- “Nessa mistura de cultura com novela, o povo se atropela e troca couve por capim”

Existe um aspecto da vida escolar que nos preocupa sobremaneira, mas que não se encontra descontextualizado da dinâmica da mesma. Porém, percebemos que este talvez seja um dos aspectos dessa dinâmica mais fácil de ser revolucionado pelos educadores que têm o sonho de ver e viver uma escola diferente: as manifestações culturais praticadas nela. Assim, no contexto de nossa pesquisa, meio ambiente e cultura são vistos como faces de uma mesma moeda.

A realidade por nós pesquisada nas escolas públicas revela que não existe uma preocupação sistematizada em estabelecer uma atmosfera que favoreça a arte como um caminho sério, importante e alternativo na condução do processo educacional. Como vimos anteriormente, as escolas priorizam o método lógico-matemático, especialmente nas séries e ciclos iniciais, pois a ênfase curricular está centrada na matemática e na língua portuguesa, nos moldes da linguagem racional. Assim, descuidadamente, as músicas colocadas na hora do recreio, por exemplo, normalmente são uma verdadeira via de alienação, erotização e estímulo à robotização das crianças. Consideradas caminhos passivos ou neutros na condução da formação destes alunos, estas músicas, ao contrário, reforçam a falta de sensibilidade estética, ética, moral – sem ser moralista –, além de absorverem uma visão da vida como caminho padronizado a todos, cuja importância maior está em mostrar o exterior e em agradar a sociedade do consumo, da moda e dos gestos mecanizados.

Também os desenhos, tão utilizados nas séries e ciclos iniciais, deixam muito a desejar, em nossa opinião. Ao invés de serem direcionados como espaços de invenção, autonomia e descobertas, baseando-se principalmente na auto-expressão dos alunos, eles, ou vêm prontos para apenas serem coloridos, ou são conduzidos de forma a coibir a espontaneidade do aluno.

As apresentações artísticas preparadas na própria escola, geralmente para comemorar alguma data específica, em sua maioria, reproduzem este modelo. Os educadores não conseguem ter um olhar crítico e informado sobre os valores que são transmitidos por elas, além de não investirem na divulgação de cultura local, que reflete a história das pessoas do

lugar, o caminho que trilharam para chegar no aqui, no agora e em cada aluno que, em síntese, são pequenas manifestações dessa história perpetuada, e que espera vê-los como agentes críticos e envolvidos em melhorar a sociedade em que estão inseridos.

As brincadeiras, normalmente deixadas para momentos não formais como o recreio, também poderiam ser, se consideradas em seu aspecto pedagógico, atividades voltadas ao desenvolvimento integral do educando, pois, quando brinca, a criança desenvolve atividades que tocam sua imaginação e sua subjetividade, o que representa uma contraposição às situações que favorecem a reprodução mecânica de valores impostos pela cultura de massas em detrimento da experiência criativa.

Consultando os PCN's Arte voltados ao ensino fundamental, enriquecemo-nos com a qualidade textual construída e que inclui história, psicologia, pedagogia e metodologias na proposta do desenvolvimento da arte no contexto escolar. Será que os educadores conhecem este material? Será que aprofundam seu conteúdo? Por que, tendo um excelente material de apoio metodológico e pedagógico em mãos, eles não transformam a realidade escolar em um legítimo momento de alegria na vida dos alunos, aliando aprendizado, prazer, desenvolvimento rítmico, melódico, plástico, inventividade, poesia, movimento e imaginação?

Com as contribuições da linguagem artística, cremos que a Educação Ambiental poderia ser como uma brisa perfumada que perpassa toda a escola e invade os espaços interiores de cada pessoa ali presente, abrindo canais de sensibilidade e criatividade. Nessa analogia criada por nós, a brisa tem o sentido do movimento, da dança, do bailar de toda a comunidade escolar em torno da nova ordem criada, e o perfume seria aquilo que penetra nossas células, todas elas, levando coragem, ousadia e vida nova. Para Boff (2004), “o perfume é algo espiritual, está presente sem ser visto e produz uma presença da pessoa, sutil, íntima, misteriosa, diferente da presença meramente física” (BOFF, 2004, p. 126).

Bem, cremos que isto já é assunto para uma outra tese. Queremos deixar, apenas, um registro deste material que, aliado ao tema deste trabalho, pode contribuir para a edificação de uma Educação Ambiental fluida, leve, que envolve a todos na escola sem deixar que sejam capturados pela ilusão dos valores importados:

o aluno de primeira a quarta série do ensino fundamental busca se aproximar da produção cultural de arte. Entretanto, tais interesses não podem ser confundidos com submissão aos padrões adultos de arte. A vivência integral desse momento autorizará o jovem a estruturar trabalhos próprios, com marca individual, inaugurando proposições poéticas autônomas que assimilam influências e transformam o trabalho que desenvolvem dentro do seu percurso de criação nas

diversas formas de arte. (...) A formação em arte, que inclui o conhecimento do que é e foi produzido em diferentes comunidades, deve favorecer a valorização dos povos pelo reconhecimento de semelhanças e contrastes, qualidades e especificidades, o que pode abrir o leque das múltiplas escolhas que o jovem terá que realizar ao longo de seu crescimento, na consolidação de sua identidade. (PCN's – Arte, 2000, ps. 50-51).

E, onde está nossa cultura popular? O que foi feito dela? Será que desapareceu para sempre? Fizemos um trabalho de pesquisa voltado à linguagem musical, apenas, sem desconsiderar a importância de todas as manifestações artísticas presentes na história do povo de nossa região. A música já faz parte de nossa história pessoal e, em nossa opinião, tem uma grande interface com a poesia, além de ser um dos canais artísticos mais divulgados na mídia e em outros espaços, o que poderia ser de grande valor, não fosse a enorme degradação que vem sofrendo ultimamente.

Sr. Belino e Sr. Tenório são os “cantadores” da Associação. Compartilhamos com eles alguns momentos de cantoria e percebemos como são valorizados. Sentimos que têm orgulho de cada música que cantam, pois nelas há sentido, história, sentimento e emoção. Para Sr. Belino, “as músicas de hoje falam, falam e não falam nada”. Sr. Tenório diz que a música não deixa a alegria ir embora, por isso desde pequeno gosta de cantar e aprendeu a tocar violão, sanfona e teclado sozinho. “Se um dia você vê eu triste, sem cantar, pode saber que tem três dias que eu morri” (risos).



FIGURA 18: Sr. Tenório tocando violão

Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

scondidos de nossa cidade, mencionados anteriormente. Juntos, Adolfo Figueiredo e Vânia Lucas Bessa Figueiredo (pais), João Paulo Bessa Figueiredo e Pedro Lucas Bessa Figueiredo (filhos), formam o grupo *Trem das Geraís*, totalmente envolvido com a música que expressa a

cultura popular. Há muito tempo atrás, tínhamos uma relação de amizade distante; depois de formarem o grupo, há 10 anos, passamos a acompanhar o trabalho deles como fã número um, indo a todos os shows e no lançamento do primeiro CD, em 2003: *Cantos Gerais*. Hoje, para motivo de imensa felicidade de nossa parte, estamos integrando o grupo como colaboradora nos vocais, tendo participado da gravação do novo CD, lançado nos últimos dias 30 de setembro e 01 de outubro, *Embornal de Cantoria*, em Araguari.



FIGURA 19: Lançamento do CD *Embornal de Cantoria*
Autor: OLIVEIRA H.J.de/2005

O grupo já se apresentou em várias cidades brasileiras, especialmente mineiras, tendo participado do programa de televisão *Viola, minha viola*, apresentado por Inezita Barroso. Adolfo Figueiredo conta que o grupo foi se formando naturalmente, à medida que os meninos cresciam. Ele e Vânia sempre tiveram uma forte ligação com a música popular brasileira, e, depois de casados, começaram a fazer uma pesquisa para conhecer músicas cuja composição (letra e melodia) indicasse os traços mais marcantes da cultura de Minas Gerais e da região do Cerrado.

Na minha infância eu morei em uma cidade que tinha festa de Folia de Reis. Meu pai tocava cavaquinho nas festas de roça e minha mãe acompanhava cantando. Fui pegando gosto pela música e estava sempre cantando em participações nas escolas. E o que me chamava a atenção eram as músicas simples, as cantigas de roda, as que as lavadeiras cantarolavam na beira do rio, o congado, as músicas do povo mesmo. O meu coração batia forte com aquilo tudo. Era paixão mesmo. (VÂNIA)

Eu sou de uma família de sete filhos e quase todos sempre estiveram envolvidos com a música. Na minha infância eu ouvia Maria Betânia, Gal Costa, Chico Buarque de Holanda, Elis Regina e outros. Engraçado é que hoje em dia este tipo de música não faz parte do nosso repertório, mas assim que tudo começou. Nós

fazemos uma música vista como “regional”, e essa tendência eu acho que veio do meu avô que é violeiro e que tem uma chácara perto da Lagoa Seca (antigo nome do bairro Novo Horizonte, em Araguari). Bem que eu tentei ir pelo lado do rock, mas não encaixava, não combinava. Foi só um momento. (ADOLFO)

Em nossa conversa, falamos sobre música e mídia. Adolfo Figueiredo acredita que a mídia tende a passar a idéia de que a música mineira, de raiz, está sumindo, idéia da qual discorda veementemente. “De um dia *pro* outro, surgem artistas que vêm do nada e, só de aparecer num programa de televisão, já *fica famoso*” (ADOLFO FIGUEIREDO). Para ele, a cultura popular está aí, à nossa frente, e a música popular está sendo cada vez mais valorizada. Relata que sente a vibração das pessoas quando fazem um *show*, como se voltassem a um tempo bom, alegre, que, na verdade, muitos dos que os ouvem nem viveram, afinal, como nos diz Alves (2006, p. 26), “a alma anda para trás, navega ao sabor do suave sopro da saudade. Quer voltar ao seu passado”. E, na página 27, “a alma tem nostalgia das origens. Nas novidades ela se sente estranha, exilada”.

Já vivemos outros tempos, mas, com o consumismo, a mídia tenta influenciar os jovens de todas as maneiras, e eles aproveitam a fase da adolescência para atormentarem a cabeça dos jovens. Eu sei que o gosto musical dos meus filhos não vai mudar porque o que passamos para eles foi tão verdadeiro e tão forte, com tanto amor, que ficou enraizado neles. Hoje eu sei que a gente deve como árvores, balançando conforme o vento, mas tendo sempre as raízes profundas e bem presas no chão, pois são elas que sugam a água que permite a vida. Assim é a cultura: nosso chão, e a música, um caminho para se chegar a ela. (VÂNIA)

Vânia e Adolfo Figueiredo deram aula de musicalização numa escola do sistema particular de ensino de Araguari, e relatam a experiência que viveram:

foi uma experiência que nos fez crescer, sem dúvida. Vimos crianças da chamada classe alta, que normalmente se preocupa com outros valores, cantando as nossas músicas e se interessando pela cultura que elas tentam passar. Mas, o contato com a realidade da escola mostrou pra gente professores desmotivados, que só vão ali cumprir horário, que tem que enfrentar todos os dias uma indisciplina muito grande, que até nem sei como não ficam loucos. (...) Presenciamos uma atividade chamada “Feira Ambiental” onde alunos e professores colocaram em exposição fotos de rios, nascentes de rios, material feito de reciclados e outros trabalhos sobre Ecologia. Quando acabou a apresentação, o chão estava cheio de lixo, as torneiras dos banheiros abertas e alguns trabalhos destruídos. Neste dia conversamos muito sobre Educação, né Vânia? Acho que deveria ter uma preocupação menor em estar passando equações matemáticas e estar ensinando mais os valores humanos, questões ambientais, o cotidiano, o dia-a-dia, ensinar o que é ser cidadão, como consumir conscientemente. (...) As pessoas parecem que esqueceram que podem ser

felizes agora, com coisas simples que vêm da natureza, e, é claro, com a música, né?
(ADOLFO)

O grupo Trem das Gerais continua por aí, levando sua música, sua mensagem, seu sonho. Caminhando ao seu lado, temos sentido a grande fascinação que causam nas pessoas, uma forma de magia, o tal perfume que nos envolve e encanta. Muitos querem estar com eles, partilhar sua companhia, se contagiar com algo que jamais será traduzido com palavras. A casa de Adolfo, Vânia, João Paulo e Pedro nunca está vazia. A atmosfera nos envolve de paz e acolhimento, sem falar das receitas que Vânia prepara com todo carinho para aqueles que, porventura, apareçam sem avisar. Ninguém sai daquela casa sem partilhar alegria, esperança, respeito pelas diferenças humanas, admiração pela natureza, muita simplicidade e um delicioso cafezinho.

“Nessa mistura de cultura com novela, o povo se atropela e troca couve por capim”. Assim fizemos referência a este item do trabalho. Esta frase é parte de uma música do compositor *Thiaga* que se chama *Mandioca do Nordeste* (uma crítica à música Morango do Nordeste) e que faz parte do segundo CD do grupo Trem das Gerais, lançado recentemente. A música faz uma crítica à globalização, no aspecto cultural, alertando para a descaracterização das manifestações locais imposta pelas novelas, por exemplo, as quais, em sua grande maioria, disseminam a idéia de que todas as pessoas, descontextualizadas de suas histórias e desligadas de suas raízes, devem adotar um modelo ilusório de vida, que, para muitos, é inatingível. O mais cruel nisso tudo é que este modelo é dado como “único caminho” para se alcançar a felicidade e a realização, o sucesso, enfim.

Neste contexto ilusório, encontra-se, também, a cultura que, nele, é reduzida a meia dúzia de artistas, normalmente na área da música, que despontam repentinamente e levam ao povo verdadeiros exemplos do que jamais deveria ser chamado de expressão cultural. Pior, uma grande massa de pessoas absorve facilmente esta linguagem e, alienados de sua real condição, nada fazem para mudar suas vidas e o mundo. O povo “troca couve por capim”.

“Eu não como hot-dog, é só pamonha. Saio desta Babilônia pra poder me encontrar. Nem quero virar marionete de TV e de internet. Se o sertão globalizar, resta só televisão. O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”. Aqui se mostra o papel que a escola poderia assumir: não permitir que as crianças virem marionete, que assumam sua história, que sejam capacitadas para conhecer o mundo do qual fazem parte, começando pelas pequenas manifestações de curiosidade que devem ser estimuladas e respeitadas desde muito cedo.

Queremos destacar um outro grupo musical originário de nosso município, e que também prioriza a música regional, especialmente voltada à cultura popular, à educação e ao meio ambiente: EmCantar. O grupo, que começou como Projeto EmCantar no ano de 1996, sofreu mudanças metodológicas significativas neste ano de 2006, passando a ser Centro de Cultura, Educação e Meio Ambiente. Tudo teve início quando seu idealizador, Marco Aurélio Querubim, reuniu 13 crianças para uma apresentação musical. Dados relevantes sobre a trajetória do grupo encontram-se na dissertação de mestrado² de Ana Paula Rabelo. Nela, a autora faz uma abordagem sobre as atividades sócioambientais e artísticas empreendidas pelo Projeto EmCantar em parceria com dez escolas públicas do município de Uberlândia/MG.

Explica que o EmCantar é uma Organização não Governamental (ONG), sem fins lucrativos, que tem como objetivos a promoção da responsabilidade com o espaço ocupado, a disseminação da cultura popular e da arte como expressão do “Viver para o Ser”. A decisão de pesquisar e registrar as atividades realizadas no espaço escolar com alunos e educadores, se deu pela oportunidade de identificar uma possibilidade educacional de discutir questões socioambientais levantadas, analisadas e postas em prática pelos próprios participantes. Assim, foi feito um levantamento da estrutura de atuação do então Projeto EmCantar, partindo de seu início e razão de ser, analisando a formação de multiplicadores, a organização de suas diretrizes até a efetivação de sua parceria com as escolas.

A brincadeira séria, que inicialmente tinha a desprestigiada intenção de compartilhar canções de compositores brasileiros pouco divulgados pelos meios de comunicação, demonstrou que a convivência pelo cantar promovia um crescimento coletivo e uma formação que transcendia a experiência estética de um simples coral. Sentimentos de participação, pertencimento, afetividade, disciplina e responsabilidade fizeram nascer em cada integrante um compromisso espontâneo que impulsionou a permanência dos que já estavam e a ampliação da proposta a mais pessoas. O grupo foi se desenvolvendo, então, não apenas com o intuito de realizar apresentações musicais, mas discutindo entre si a realidade cultural e sócioambiental em seu entorno.

Ana Paula Rabelo explica que a cultura e a filosofia do EmCantar podem ser melhor compreendidas nas declarações firmadas entre seus parceiros, multiplicadores e participantes, as quais sintetizamos abaixo:

² RABELO, A. P. **Meio Ambiente, educação e arte na perspectiva do Projeto EmCantar**: uma contribuição à educação formal. 109f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2005.

Declaração de Visão: Contribuir para um modo de vida fundado no encantamento com o mundo, na cooperação entre os indivíduos e no relacionamento responsável com o espaço ocupado.

Declaração de Missão: Empreender ações de transformação individual e social, promovendo vivências artístico-culturais, atividades de formação continuada e práticas sócioambientais.

Nos projetos de [educação](#) realizados pelo EmCantar, são desenvolvidas atividades com artes integradas, visando contribuir para um processo de formação humanizadora fundado na arte exercida como vivência. Nas oficinas, os integrantes participam de rodas de cantoria, brincadeiras da tradição da cultura popular; rodas de jogar versos (criação poética), contação de histórias, exercícios de criação e composição, interpretação cênica, criação de objetos por meio da reutilização de recicláveis etc., em atividades que abarcam as linguagens da música, teatro, literatura e artes plásticas.

Uma das questões mais trabalhadas pelo EmCantar com seu público é o descarte de recicláveis. Hoje, os recicláveis se configuram como um grande problema ambiental, quando acumulados em lixões, e social, quando pessoas, vítimas do desemprego, submetem-se, e às suas famílias, à catação, expondo-se à degradação física e moral. Nas ações sócioambientais do EmCantar, pretende-se dar visibilidade ao catador como agente ambiental, cujo papel é importante, não só para o acondicionamento correto dos resíduos sólidos domiciliares, mas também para a geração de renda com mais dignidade, além de permitir que sua atividade seja vista como um trabalho importante no contexto urbano. Assim, o EmCantar estabeleceu, desde 2004, uma parceria com a CORU, para a qual são repassados mensalmente mais de uma tonelada de materiais recicláveis recolhidos nas atividades de formação continuada empreendidas pelo EmCantar.

Que os professores possam entender a importância da arte no contexto escolar. Que possam dar conta de sair do racionalismo, do *logos*, e deixar que outras dimensões dos alunos possam fluir e mostrar que cada um é um universo diferente, que não quer e não deve ser enjaulado culturalmente.

Em 31 de outubro de 2006, assistimos a uma palestra compartilhada entre Rubem Alves e Leonardo Boff, em Uberlândia/MG. Belo momento. Ao final, Rubem Alves dizia como os professores quebram o encanto das poesias quando, depois de ler aos alunos, perguntam: O que o poeta quis dizer com essas palavras? Normalmente, depois de uma volta pela escola, ou por um parque, logo pedimos um “relatório valendo nota”. Por quê? Vamos deixar que os alunos se encantem e se espantem com a arte, sem necessariamente ter que racionalizar depois. Vamos deixar que vivam verdadeiramente como seres encantados pela

natureza intocada ou não, que transformem seus trabalhos de campo em motivos para se inspirarem e deixarem brotar arte e cultura.

4.3.5- A fê transforma a vida

Jean-Yves Leloup (1985), ao falar da tradição hesicaste³ antiga, descreve a seguinte história: num país onde não chovia mais, o rei pediu aos mágicos, aos sábios, que fizessem chover. Eles fracassaram, um depois do outro. Chegou, então, um homem silencioso e permaneceu num quarto isolado. Três dias depois choveu. O rei perguntou-lhe o que havia feito, ao que ele respondeu que precisou de três dias para se recolocar em harmonia com o universo, porque naquele país havia desordem. Se colocarmos ordem em nós mesmos, recolocaremos ordem no universo. Em outras palavras, se temos paz em nós, há um lugar no universo em que existe paz.

Para Leloup, esse silêncio, essa solidão, são, também, o quarto nupcial, o lugar de união com Deus, a divinização. Mesmo se a essência de Deus permanece inacessível, podemos participar de sua energia, da irradiação de sua presença. Não se pode conhecer o coração do sol, mas podemos ser aquecidos e iluminados pelos seus raios. A divinização é a participação na irradiação da essência inacessível, uma prática que leva a uma transformação interior, que, por sua vez, leva à transformação do mundo, pois “não podemos levantar um pedacinho de grama sem levantar as estrelas” (LELOUP, 1985, p. 139).

Queremos terminar este capítulo fazendo referência a um aspecto fundamental da vida que a Revolução Científica, com seus postulados, colocou em lugar secundário: a dimensão espiritual do ser humano. Nosso propósito não é discutir as diversas linhas religiosas, seus dogmas, preceitos, orientações, mas reconhecer que esta dimensão existe e que precisa ser alimentada como forma de equilibrar nossa existência. Também não acreditamos, mas respeitamos, numa vivência totalmente voltada ao interior, desligada das ações em grupo, principalmente considerando os sérios riscos que nossa casa comum está correndo como resultado, justamente, de nossas ações. Trata-se de desmontar a bomba que está em cada um de nós, a violência, o roubo, a mentira, a falta de ética, de sensibilidade, de solidariedade, o apego materialista que nos afasta e que consome o planeta. Essa transformação, se observada de maneira individual, talvez não mude muita coisa exteriormente, mas, se cremos na interconexão de todas as coisas, isso é um começo.

³ O autor explica que “hesicaste” que dizer silêncio e paz. Os hesicastes são pessoas à procura desse silêncio, de uma pesquisa interior. Vivem hoje no monte Athos. Pela tradição cristã, são os sucessores dos “pais do deserto” e dos judeus de Alexandria, chamados de terapeutas.

Acompanhando as escolas em nosso trabalho de campo, percebemos que falta uma ação que permeie seus cotidianos de uma ... – nenhuma palavra conseguirá expressar o que desejamos dizer – energia, talvez, ou uma irradiação que, partindo de cada servidor, revele alegria, paz, confiança e entusiasmo (do grego *enthousiasmos*, sopro divino). Mas isso só será possível se cada um se preencher de algo que possa provocar esta irradiação, o que, sem dúvida, jamais acontecerá de maneira concomitante. Cada um tem o seu tempo. O entendimento de que somos únicos, ao mesmo tempo em que participamos de uma totalidade, deveria nos estimular a buscar a mudança sem esperar pelos outros, porém sem esquecer que nossa mudança atingirá a todos. E esse “algo” capaz de nos preencher, nos transformar e irradiar aos outros, é, acreditamos, nossa essência divina resgatada do meio dos escombros racionais que a sufocaram e, inutilmente, a tentaram matar.

É o que temos acompanhado de perto na Associação Nova Esperança: pessoas que colocam no exercício da espiritualidade um grande valor, coerente com alguém que, depois de ter encontrado um tesouro, reúne todas as forças para mantê-lo. No caso da Associação, esta espiritualidade é vivenciada por meio de uma religiosidade popular tipicamente católica. Todos na Associação são católicos e, portanto, rezam o terço juntos, sempre que podem, e uma vez por mês participam do terço comunitário com os vizinhos mais próximos. Também uma vez por mês, um padre de Araguari vai até a Associação e celebra a missa. Desde quando se instalaram nas terras, realizam, anualmente, uma festa em louvor ao Divino Espírito Santo e à Nossa Senhora da Abadia, momento em que toda a comunidade se reúne. Em cada ano, um casal organiza a festa, ou seja, são os festeiros.



FIGURA 21: Terço comunitário
Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Também é sagrado o momento de ouvir, no rádio, o programa do padre Marcelo Rossi, todas as manhãs. Segundo Dona Júlia, ela já recebeu muitas graças por meio da água que o padre Marcelo benze todos os dias. “Ele diz uma coisa muito importante que é assim: não creia na minha pessoa, mas sim naquele que (se) faz um instrumento para a realização da obra de Deus aqui na Terra, para levar a sua palavra. Deus que é pai, filho e divino espírito santo” (DONA JÚLIA). Sr. Belino, por sua vez, diz que Deus sempre o ajudou, deu paz e ajudou a criar os filhos, “tanto que todos são ajuizados, têm saúde, *não bebe, não fuma, nunca mexeu com senvergonhice e é tudo trabalhador*” (SR. BELINO). Vejamos outros depoimentos:

graças à minha fé, Deus me ajudou a passar por vários momentos difíceis na minha vida, e eu já recebi várias graças que eu considero verdadeiros milagres na minha vida. O catolicismo sempre foi a minha religião e ouvir o programa do padre Marcelo de manhã me traz conforto e também é uma forma de rezar. (CIDA)

Não penso em mudar de religião. Gosto de ouvir o programa do padre Marcelo todos os dias de manhã porque, eu não sei explicar, só sei que ele dá uma força pra você passar o dia bem. (BELINA)

Nem sempre vou ao terço ou à missa porque as vezes estou mexendo no curral e o trabalho é muito cansativo. Trato de 120 cabeças de gado e o tempo é muito corrido, passa depressa. Aí dá a hora do *trem* e eu não acabei ou *tô* muito cansado, prefiro ficar em casa. Mas eu tenho certeza que Deus sabe o sacrifício que eu *tô* fazendo. É assim que eu entendo Deus. (CHICO)

Lá em casa todo mundo é católico. Quando pai era vivo nós só *dormia* depois de rezar o terço. Acho isso muito importante. (Sr. TENÓRIO).

Somos todos muito religiosos e esse fato é que ajuda a Associação *tá* de pé. Tudo que eu peço a Deus, ele me ajuda, de uma forma ou de outra, porque as vezes ele não ajuda do jeito que a gente pediu e nem na hora do pedido, mas atende *n’outra* hora e de outro jeito, você sabe disso, né? As pessoas têm que ter uma religião, qualquer uma, mas foi bom todo mundo aqui ser católico, porque evita problema de bate-boca. (IVO)

Sr. Tenório não se considera um benzedor, mas, na prática, todos recorrem a ele quando precisam de uma bênção. Os benzedores e benzedoras foram figuras muito comuns nesta região, em outros tempos. Ainda hoje, alguns resistem no meio rural e outros estão na cidade, ou porque vieram da roça ou porque foram “tocados por Deus” quando crianças e acabaram desenvolvendo esse dom, na maioria das vezes apoiados pelos pais. É o caso de Dona Maria José Lemos e de Dona Clauzina Alves Magalhães, conhecida por todos como

Dona Zurica. Ambas são benzedeiras, e passamos alguns momentos ouvindo suas histórias, rezando e recebendo o benzimento de suas mãos.

Mas, antes de falar destes momentos, queremos fazer alusão a uma interessante reportagem publicada pela Revista Planeta⁴, cujo título é *Benzedeiras, as mãos abençoadas*, em que a repórter Priscila Gorzoni faz uma pesquisa ampliada sobre as benzedeiras, citando vários autores que trabalham com o tema, como por exemplo, Léo Artese (xamã e autor da obra *O vôo da águia*), Mário Luis Cabral da Silva (terapeuta filosófico e autor da obra *Filosofia como terapia*), José Antipa Ward (médico e pesquisador de benzedeiras do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico de São Caetano do Sul/SP), Sônia Weidner Maluf (antropóloga da Universidade Federal de Santa Catarina e autora do livro *Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias na Lagoa da Conceição*) e Carlos Frederico Maia de Carvalho (acupunturista), além de apresentar aspectos variados desta temática.

Segundo Gorzoni (2005), as benzedeiras são uma das mais antigas formas de cura do mundo. Seus conhecimentos foram transmitidos pelos curandeiros nos primórdios da humanidade. O xamã ou o curandeiro, que pode ser mulher ou homem, usava ervas, rezas e invocações para curar. Todos os continentes receberam influências da tradição xamânica, especialmente o centro-asiático e as Américas do Norte, Central e do Sul. No Brasil, onde existem tribos indígenas, a imagem do xamã corresponde a do pajé, e a origem das benzedeiras provém dessa tradição, passada de mãe para filha. Elas são sucessoras do xamanismo matriarcal.

Ainda segundo a reportagem, embora sua prática e rituais variem de cultura para cultura, o benzimento sempre utiliza elementos da natureza da religião. Apesar disso, na Idade Média, as benzedeiras foram muito perseguidas, porque o seu poder passou a competir com o da Igreja Católica, que também praticava rituais de exorcismo. Mesmo assim, seus serviços continuaram a ser solicitados, sobretudo nas regiões onde inexistiam recursos médicos.

Na maioria das culturas, os feiticeiros e os curandeiros são os intermediários entre os seres humanos e o divino, tendo, em função disso, a capacidade de curar os males. Nas sociedades primitivas, as doenças eram causadas por maus espíritos ou maldições dos deuses pelo fato de o homem ter feito algo errado. Então, o doente era envolvido por uma aura de rezas e ervas sagradas. Assim se origina a medicina popular, que usa as ervas em chás e banhos para curar. O conhecimento dessas ervas foi aprendido com os índios e africanos e está muito ligado à prática do benzimento, diz Gorzoni (2005, p. 62).

⁴ Ano 32, n.º 388, p. 60-65.

Embora qualquer mulher possa ser uma benzedeira, elas geralmente são senhoras conhecidas na comunidade e freqüentadoras das atividades religiosas da cidade. As benzedeadas aprenderam rezas com os seus antepassados para curar os males físicos, emocionais e psicológicos e seu prestígio vai além da idade, pois elas são respeitadas em seu meio social, onde ocupam posição de destaque por serem conhecidas pela comunidade e manterem relações de reciprocidade pelos seus saberes e poderes. Assim como as bruxas das narrativas contadas em algumas comunidades de origem açoriana e européia no Brasil, as benzedeadas são mulheres de poder, pois unem fundamentos do catolicismo com o das curandeiras e bruxas da antigüidade, além de mesclarem conhecimentos da medicina popular, religião e magia para tratar os diferentes tipos de males humanos.

É comum a pessoa voltar curada de uma benzedeira. Podemos dizer que a cura é um efeito de fé, boa energia, fenômeno de sugestão ou inspirada por bons espíritos. As benzedeadas são pessoas de Deus e isso já é um grande fator para curar males. Os benzimentos são frutos da nossa necessidade de tratar as doenças do corpo, da mente e das dificuldades de atendimento e falta de recursos que alguns lugares têm na área de saúde. Mas eles só surtem efeito se a comunicação entre a benzedeira e o paciente for feita, ou seja, a eficácia de seus serviços está em sua linguagem mágica e simbólica, muitas vezes só compreendida por quem está aberto aos seus serviços. Elas trazem dentro de si conteúdos inconscientes que jamais serão totalmente conhecidos ou interpretados. Isso é notado pela própria intuição inerente a todas elas. São pessoas que trocam energia a partir da fé de quem as procura. Também dos pontos de vista psicológico e antropológico, o benzimento resolve vários problemas, pois ajuda a organizar uma situação de caos, como é o caso de uma doença. (GORZONI, 2005, p. 64).

Gorzoni (2005) termina dizendo que, além das rezas, as benzedeadas utilizam ervas, objetos variados com significados simbólicos e conversam bastante com quem as procura. Elas exercem o papel do terapeuta, reforçando certos valores e também dão conta do que não conseguimos explicar. Diz que somos responsáveis por nossas vidas, mas precisamos acreditar em algo superior. Por isso, muitas vezes, delegamos essa crença às benzedeadas.

Voltando às benzedeadas que entrevistamos, queremos dizer que as primeiras palavras que nos vêm à memória ao lembrar de suas expressões, sua maneira de falar, de olhar, do orgulho de serem benzedeadas, não pelo que isso faz a elas, mas pela possibilidade de ajudar o próximo, são simplicidade e paz. Dona Zurica nos recebeu com muita alegria e abertura para colaborar. Não benze mais há dois anos por causa da idade, 86 anos. Diz que se sente cansada, às vezes com mal-estar, e quem procura benzimento tem o direito de recebê-lo de alguém que está pleno. Mas, isso não tirou dela a alegria de ter sido “escolhida” para ser benzedeira e sua fé continua cada vez mais firme. Mora numa casa simples, sozinha, e seu quintal é um lugar único, mágico, cheio de plantas e pássaros que vêm até o chão se

alimentar, tranqüilamente. “São meus amigos”, diz ela se referindo às plantas e aos pássaros. Viveu na roça até os 36 anos, e a isso atribui toda a energia que carrega.



FIGURA 22: Dona Zulica
 Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Acredita que seu dom vem de Deus e que, por algum motivo, foi escolhida por Ele para esta missão. Tudo começou quando ainda era muito jovem e um senhor que benzia perto da roça onde morava com a família, foi benzê-la por causa de dor de cabeça. Ao final, ele disse a ela que estava perto de morrer e que ela seria a pessoa que ficaria em seu lugar. Lembra que não se espantou, nem ficou surpresa; é como se ela já soubesse disso. Ele passou umas orações no papel e ela aprendeu todas. Passados cinco dias, o homem foi atravessar uma “pinguela”, a pequena ponte quebrou e ele morreu.

Assim começou a benzer e até há pouco tempo benzeu sem nunca parar. Como a maioria das benzedeiras desta região, Dona Zulica é católica e nunca sofreu nenhum preconceito por ser benzedeira. Ao contrário, disse que sua casa sempre foi muito freqüentada por padres e que, de vez em quando, um deles pedia que ela o benzesse. Diz que tem muita fé, que reza o terço e vai sempre à missa. Já viu coisas que “as pessoas de hoje não acreditam porque se afastaram de Deus”, por isso não fica falando pra todo mundo. Viu gente levantar da cadeira de roda, viu gente se curar de muitas doenças, depressão e mal olhado.

Pelo seu relato, percebemos que Dona Zulica é muito sensível. Tem uma forte ligação com os sonhos (vidência) e com a intuição, que, para ela, são manifestações de Deus. “Tudo que está acontecendo no mundo, Nossa Senhora de Fátima falou pra mim, das secas, da violência, das guerras, tudo. Eu já vi ela várias vezes no meu sonho. Outra vez ela veio aqui em casa”. Dona Zulica nos mostrou seu oratório cheio de imagens e disse que é um dos

lugares em que mais se sente feliz. Antes de nos benzer, disse que o que mais deseja é a paz no mundo, ver todas as pessoas orando porque elas não sabem o poder que têm as orações.



FIGURA 23: Dona Maria José
 Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Outra pessoa especial, dona Maria José Lemos há pouco mudou para a cidade e diz que ainda sente muita falta do seu lugarzinho no meio do mato. Tem 77 anos, nasceu no município de Cascalho Rico e tinha pai curandeiro, por meio de quem, desde os 7 anos, conheceu toda espécie de raiz, já benzia e rezava o terço sozinha. Vem de família com tradição de benzer que foi passando de geração em geração e, no começo, o que não sabia, perguntava ao pai. Diz que sempre teve uma vida muito difícil, mas nunca perdeu a saúde e a alegria porque elas vêm de Deus, que a usa como um instrumento para ajudar as pessoas. “Tudo vem de Deus, por isso pra algumas coisas a gente precisa dos médicos, outras, que são problemas espirituais, não adianta médico. Eles não sabem. Têm que benzer para alcançar a graça de Deus e curar, e o que abre a pessoa pra graça de Deus é a fé”.

Dona Maria José Lemos nos contou inúmeros casos de pessoas que foram benzidas e se curaram. Como dona Zurica, sonha bastante e sempre reza por aqueles que aparecem nos sonhos, porque, quando procura saber, normalmente estão precisando de ajuda. Ao final, disse que seu sonho é ter uma casa para acolher e ajudar velhos e crianças abandonados, e até

bêbados que ficam andando sem família e sem destino. “Minhas palavras não valem nada se Deus não estiver por trás delas”.

As benzedeadas revelam, enfim, grande ligação com a espiritualidade, tema que abordamos neste item. Sua grande força está na oração que, em nossa opinião, está muito ligada ao amor. A oração mobiliza em nós forças desconhecidas e nos transforma. Neste sentido, recomendamos a obra *Milagres que a medicina não contou*, do Dr. Roque Marcos Savioli, conceituado médico do INCOR, em São Paulo, que mescla casos médicos e versículos bíblicos para mostrar sua crença incontestável de que os pacientes que mantêm uma atitude de oração diante das enfermidades apresentam respostas positivas aos tratamentos, diferentes daqueles que não têm esta atitude.

Acreditamos que o resgate dessa dimensão em nós será um passo decisivo para pensarmos em outros tempos na Terra. Espírito representa força criadora e ordenadora presente no ser humano, a capacidade de rasgar sentidos novos a partir da própria realidade, e vemos a escola como um *locus* apropriado para fazer brotar tais habilidades. Para além das aulas de Educação Religiosa, existe um espaço que não foi preenchido, um espaço que não necessita de palavras para ser real, mas sim de sentimentos, de fé, de esperança, de amorosidade.

Citaremos, agora, uma pessoa que nos mostra, com sua vivência, esta espiritualidade ligada à realidade e que muito nos ensina com isso.

4.3.5.1- Frei Rodrigo de Castro Amédée Péret: Cerrado e espiritualidade

Na década de 1980, tivemos a oportunidade de conviver com o Frei Rodrigo e nos encantamos por sua paixão pela espiritualidade encarnada de Francisco de Assis, ligada à luta pela terra em nossa região. Nasceu em Belo Horizonte – década de 1950 – tendo estudado no Colégio Marista, depois Pitágoras, e fez curso de graduação em Engenharia Civil. Prestou serviço militar em 1974 e, neste período, reencontrou vários amigos da época de estudante com alguns dos quais formou um grupo de reflexão franciscana na convivência de um frei holandês, Frei Flávio, que “rezava uma missa diferente”: todos ficavam em volta da mesa, com o vinho e o pão, refletindo temas de cunho social e ambiental, enquanto ouviam Paul Simon, por exemplo.

Esse clima o motivou a ler e aprofundar as questões da injustiça social e trabalho. Foi morar num bairro da periferia de Belo Horizonte, e se engajou nos movimentos populares, sempre ligado à Igreja Católica. Aos poucos, sua vocação foi se definindo e optou por

trabalhar com sem-terra e trabalhadores rurais. Esta opção veio da reflexão de que, se Francisco de Assis estivesse vivo hoje, que excluídos abraçaria? Logo pensou nos sem-terra que, além de viverem uma vida miserável, ainda carregam o peso de terem sido expulsos de suas terras por uma estrutura injusta e desumana.

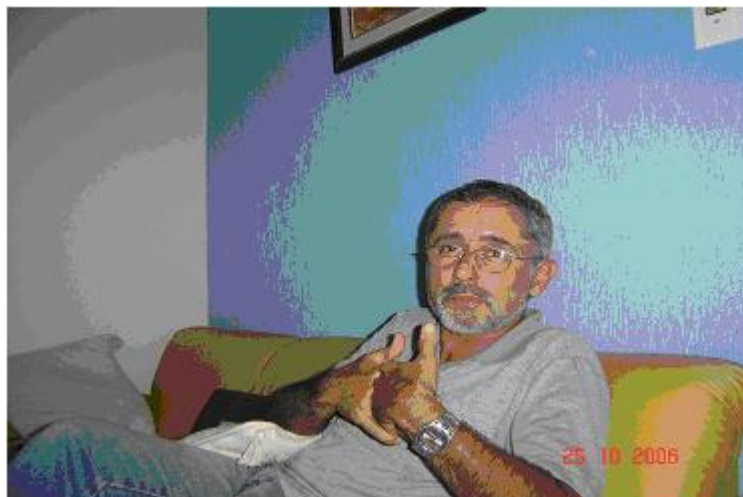


FIGURA 24: Frei Rodrigo
 Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Morou algum tempo no nordeste e veio para o Triângulo Mineiro no ano de 1982, mais especificamente em Araguari, onde trabalhou com Comunidades Eclesiais de Base. Em 1984, mudou-se para Uberlândia e entrou para a Pastoral da Terra. Neste período, apoiou ocupações de terra, correndo riscos e sofrendo vários tipos de ameaças. Mais tarde, mudaria para a APR, entidade em que permaneceu até o ano de 2005.

De 1986 a 1989, estudou na Itália e, a partir de 1992 começou a fazer parte do Movimento Justiça, Paz e Ecologia, ligado à ordem franciscana mundial. Em 2003, solicitou sua saída porque se sentia longe da realidade, mas pondera que foi um tempo de muito aprendizado e em que conheceu grande parte do mundo. Participou intensivamente das preparações para a ECO-92, quando aprofundou suas leituras e conhecimentos a respeito do Cerrado e, assim, ampliou a concepção que tinha da luta pela terra para a “luta pela vida da terra”. Neste período, começou a perceber que, quando os trabalhadores rurais sem-terra conquistavam a tão sonhada terra prometida, utilizavam dos mesmos métodos e das mesmas técnicas do modelo agrário que criticavam, o que, na verdade, era uma grande incoerência.

Começou, então, a incluir em suas reflexões com os agricultores a Ecologia, mais especificamente a Ecologia do Cerrado brasileiro. Conheceu o processo de ocupação do

Cerrado, desde os povos indígenas até a ocupação predatória ocasionada pela implantação da chamada agricultura moderna, com vimos anteriormente.

Conversamos sobre a propaganda que foi feita a respeito do Cerrado como terra sem valor, lugar feio e impróprio à vida. Cita um certo naturalista que passou por esta região no século passado e escreve “Cerrado, sertão, solidão”, que, para ele, é um exemplo dessa imagem; lembra, também, a justificativa para a construção de Brasília no Centro Oeste brasileiro, visto como um grande espaço vazio, lugar sem “desenvolvimento” e “progresso”. Nesta visão, nada existia nesta região, ou seja, o Cerrado era realmente desconsiderado como “existente”⁵.

Tem vida no Cerrado. Não só vida, a biodiversidade do Cerrado, mas, também gente no Cerrado. Mas essa gente não foi consultada. Nem os pequenos e nem os grandes agricultores da região foram consultados (refere-se ao projeto JICA, citado por nós anteriormente). Quando se volta na pesquisa, vemos que terra de Cerrado vale menos, terra de cultura vale mais. Eu costumo dizer o seguinte: O PRODECER foi o primeiro projeto econômico que usou o ecossistema para sua implantação, porque nessa justificativa, o Cerrado é considerado um ecossistema de segunda categoria, que “poder ser destruído”. E a incoerência chegou a tanto que hoje se fala em café do Cerrado, quando, na verdade, ou se tem café – pelo menos nos moldes que estão aí – ou se tem Cerrado. O que acontece é que o Cerrado é diferente, com suas duas estações, um período de seca, o tipo de planta, etc., é uma beleza diferente, mas que não se enquadra no padrão das florestas úmidas vistas pelos colonizadores quando aqui chegaram, por exemplo. O Cerrado pode ser pobre pra agricultura, mas tem valor por existir. (FREI RODRIGO, 2006)

Como agora “desmanchar” o que nos foi imposto, pergunto-lhe. Para ele, a natureza tem o seu valor em si porque se a natureza não tiver um valor em si, o ser humano não tem valor. Então, se respeitamos o ser humano em primeiro lugar porque é um ser humano, tendo valor pela simples existência, e só depois vemos outros atributos, se é louro, moreno, alto, baixo, etc., assim também deveria ser com os outros seres da natureza. Relata, também, que num dos documentos a que teve acesso para conhecer, na perspectiva de uma grande empresa internacional que participou do processo da revolução verde, vê-se que foram atribuídos sentimentos às plantas do Cerrado: “as árvores do Cerrado são retorcidas como que sofressem”, ou seja, seria melhor que este lugar de “sofrimento” cedesse espaço ao desenvolvimento. Não entenderam que as características da vegetação, aliadas a outras como o tipo de solo, por exemplo, fazem parte de uma forma de interação com a vida específica deste bioma.

⁵ Também a professora Vera Lúcia Salazar Pessoa lembra que o Cerrado, especificamente o mineiro, aparece no Relatório da JICA “como uma imensa área inexplorada (vazia de população, de capital, de exploração e produção), que rapidamente se integra ao processo de expansão capitalista, apoiado pelo Estado e comandado pelo capital estrangeiro” (PESSOA, 1988, p. 193).

Para não ficar apenas com esta visão, lembra que vários autores ressaltam a beleza do Cerrado. Para ele, a visão mais bonita do Cerrado é a gente perceber que, mesmo nos momentos em que ele parece não ter vida, ele está vivo, porque, no fundo, mesmo na seca, ele tem água. O Cerrado sabe driblar a situação de seca deixando que as folhas caiam, por isso, pode servir como a inspiração da resistência. Precisamos, também, a prender a ver a beleza do ciclo do Cerrado. “Quem disse que o seco não é bonito?”

Sobre as comunidades resistentes, mostra que tem uma grande preocupação: como vão continuar resistindo? Sua preocupação se fundamenta na mudança de gerações que estão sendo formadas numa educação totalmente diferente desse meio, onde ainda se fala de primavera, outono, inverno, verão; quando vem a seca, a mídia faz alarde na televisão que não há tantos e tantos dias; etc. Então, todos nós, povos do Cerrado do campo e da cidade temos um desafio: como sobreviver nesse mundo atual? Em primeiro lugar, conhecendo o que realmente é o Cerrado; depois, a Reforma Agrária e a Agricultura Familiar.

Falando de um tempo mais recente, considera os atuais impactos que o Cerrado vem sofrendo: o retorno do eucalipto e o avanço da agroenergia. Considera este um dos grandes desafios, porque o impacto é muito mais profundo e o processo tem acontecido sem o menor respeito às leis ambientais. As cidades terão o desafio de definir quanto de suas terras serão destinadas à produção para obtenção de energia, e quanto serão destinadas para plantio de alimentos, discussão já iniciada em algumas cidades da região.

Pergunto sobre o papel da escola na ligação dos saberes das comunidades resistentes e os saberes construídos com a tecnologia. Frei Rodrigo pensa que a escola pode ser um canal de contribuição nesse desafio a partir do momento em que ela cria a possibilidade da experiência, por exemplo, com relação ao calendário letivo relacionado ao calendário agrícola, em certas cidades e regiões. Igualmente, a convivência e o entendimento destes saberes populares, pois o que a gente vê é o contrário, ou seja, raramente uma escola promove uma excursão, ou uma incursão, em uma área de Cerrado para estar em contato com sua natureza e sua gente. E aponta a interdisciplinaridade como caminho para a escola enfrentar esse desafio.

Finaliza em sintonia com Leonardo Boff: “quando tivermos sensibilidade suficiente para cuidarmos do que está fora de nós, muitos desses desafios já estarão resolvidos”. Quanto à espiritualidade franciscana, diz que é uma referência, pois ela é encarnada na vida, na realidade, e, para ele, é preciso ligar o espiritual ao real, porque, no fundo, tudo está ligado.

Fica registrado o exemplo de paixão, garra e envolvimento com o Cerrado e seu povo: sem-terra, agricultor familiar, atingido por barragem, pelos transgênicos e pela reforma

agrária comercial, morador das periferias. Fica registrada sua entrega radical ao Evangelho de Jesus Cristo como cidadão do mundo que tem o coração no Cerrado. Que sua história, suas idéias e experiências sejam registradas e passadas a outras gerações.

Encerrando este capítulo de nossa tese, queremos lembrar mais algumas palavras de Rubem Alves em sua palestra de 31 de outubro de 2006, em Uberlândia/MG: “talvez mais do que distúrbios de **aprendizagem**, as escolas estejam presenciando, hoje, distúrbios de **ensinagem**”. cremos nisto sem o menor sinal de dúvida. Por isso aprofundamos, com tanto trabalho e cuidado, as origens de nossa região aliada aos saberes que sempre permearam nossa história. Fomos buscar nas manifestações artísticas, no relacionamento inter-pessoal, na espiritualidade, próprios de nossa gente, mas que foram marginalizados pelo processo da modernidade, substância para moldar nossa proposta de Educação Ambiental. É o que faremos no capítulo 5.